

FOTOGRAFIA E MEMÓRIA

Everson da Silva Mascarenhas
Aluno Especial do Programa de Pós Graduação em
Memória Social e Patrimônio Cultural

RESUMO: Este artigo busca o entendimento sobre o simbolismo da fotografia e seus desdobramentos; como nossa memória trabalha para lembrar do passado e de que maneira as fotografias servem como instrumento para este processo. Como diferenciarmos o imaginário do real e como as fotografias podem servir de referências para a história.

Palavras-chave: fotografia; memória; história

A questão simbólica aparece como uma das grandes questões levantadas por Séren (2002, pg. 55) em relação à fotografia. Suas reflexões incluem modos como este simbolismo pode ser entendido como um significado, qual sentido ele transmite e em que termos se dão estas significações.

Em consonância com estas idéias, a imagem a ser fotografada pode muitas vezes transmitir um conjunto de significados para o fotógrafo, mas nem sempre tem as mesmas leituras interpretativas. Diferentes fotógrafos podem retratar uma mesma cena de diferentes ângulos, com luzes diversas, gerando diferentes interpretações para si e para o observador. As referências culturais incorporadas ao observador são fatores de extrema relevância em se tratando de possibilidades de leitura. A semiótica norteia algumas regras, dizendo que as imagens fotográficas são referências da realidade e que se mantêm intactas aquelas passagens pelo tempo. A fotografia é, e sempre será um símbolo, manifestando diferentes interpretações e associações com o mundo que nos rodeia.

A capacidade de reter informações é um dos atributos da fotografia, usada ao longo dos séculos sempre como um instrumento aos filósofos e cientistas. Didi-Huberman (2007, pg. 50) nos evidencia a ideia de que uma coisa só é realmente vista, em todos os seus mínimos detalhes e nuances, se for fotografada, pois assim nos permite uma análise muito mais minuciosa. Foi esta propriedade em particular que serviu ao médico pesquisador Charcot como ferramenta de análise em pacientes de histeria no hospital psiquiátrico de Salpêtrière, França (último terço século XIX). Ele se utilizou deste método para mapear os diferentes tipos de histeria, buscando montar um banco de dados

visuais que permitisse aos médicos identificarem visualmente se uma paciente não tinha histeria, ou se a tinha, qual o seu tipo. Muito da veracidade desta pesquisa se perdeu, devido ao fato desta doença em particular ser passível de teatralidade. As fotografias relatam à realidade, mas a realidade pode ser forjada.

A imaginação faz parte do cotidiano das pessoas, nada é criado sem antes ser imaginado. Didi-Huberman (2004, pg. 55) expõe a ideia de que “para se recordar, tem que se imaginar”, associando a ideia de que uma imagem fotográfica revela apenas uma parte de um contexto muito maior, onde a imaginação trafega procurando índices que revelem mais informações daquele instante recortado do tempo. A memória humana trabalha de forma fragmentada, de modo a não revelar um absoluto, não revela as informações uniformemente, somente detalhes de fatos ou acontecimentos mais marcantes, permitindo que desta forma um todo seja imaginado. As fotografias também são fragmentos, ao passo que mutilam cenas, retirando algo que pertencia a um todo.

Nossa memória é capaz de lidar com estas imagens de forma diferenciada, estabelecendo relações, mas, muitas das vezes, ligando imagens fotográficas a fatos não verídicos, pois trabalhamos em nossa mente com esta imagem fazendo parte de um conjunto arquivado na memória, que não tem referência direta com o fato registrado pelo fotógrafo, apenas por semelhança ou por alguma outra associação.

A imaginação serve como base para discursarmos sobre as habilidades que possuímos em abstrair informações sobre o que é distante, inatingível, com base em imagens do nosso consciente e/ou subconsciente. Fatorelli (2003, pg. 43) nos diz que a fotografia pode contar uma reflexão sobre a história e a memória, servindo de instrumento para diferenciarmos o imaginário do real. Mas se uma imagem vale mais do que mil palavras, esta imagem tem que ser bem produzida, pois pode ativar recordações diversas, direta e indiretamente. Esta condição é um dos atributos da fotografia, que proporciona estas reflexões.

Quantas coisas que passamos a conhecer, a tomar ciência, graças ao trabalho de fotógrafos que se aventuram por lugares ermos, que trazem ao mundo, hoje graças à globalização de informações, aonde as imagens chegam

a todos os lugares quase que instantaneamente, barradas apenas pelos processos tecnológicos, informações e conhecimentos antes nunca imaginados; fotógrafos e cinegrafistas trazem o todo o momento informações “on-line” de tudo o que acontece pelo mundo, nada passa despercebido, nada foge ao *olho de uma câmera*, que dispara contra o tempo e fragmenta informações. Há que se levar em conta o contexto das imagens, mas se não a temos, nossa imaginação corre solta a procura de encontrar uma relação, de tempo e de espaço que satisfaça nossos sentidos.

A leitura feita da foto da bomba de Hiroshima (fig. 1) faz questionar, com veemência, a qualidade testemunhal da fotografia, a sua capacidade de registro histórico e os significados atribuídos pela circulação e pelos tristes sentidos que os acontecimentos referidos lhe agregam.

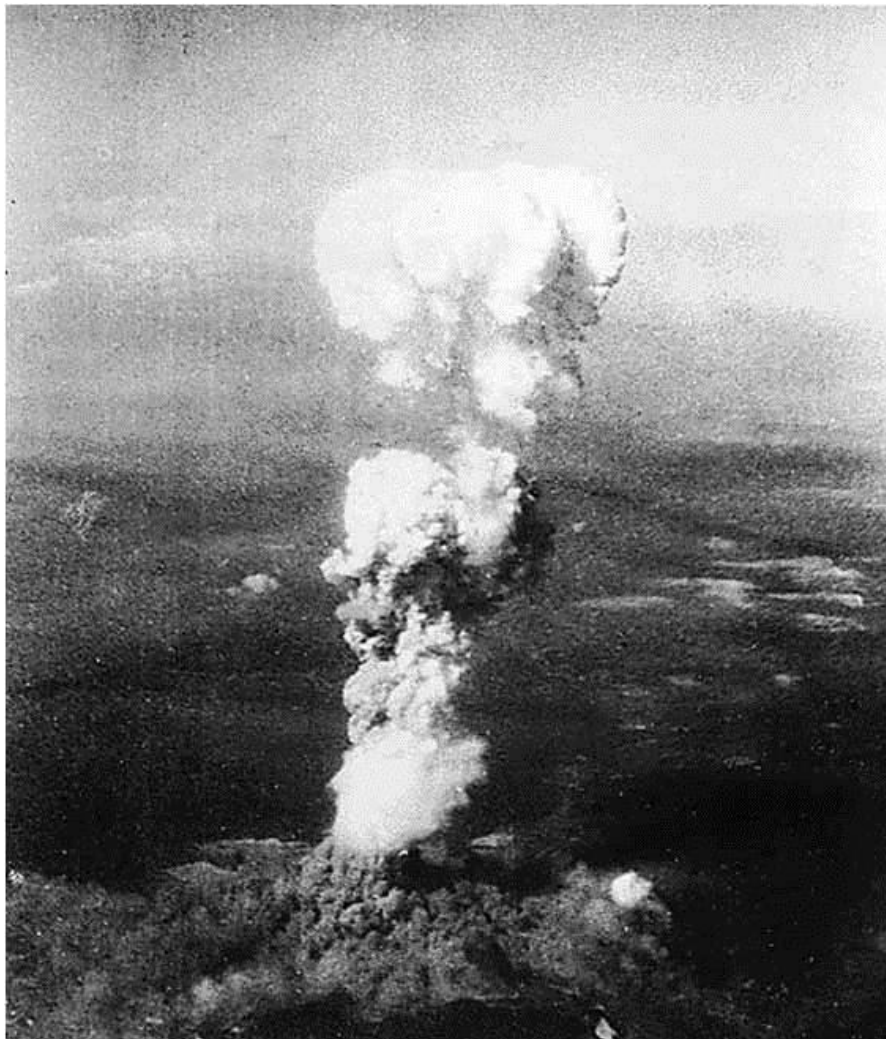


Figura 1 – A bomba de Hiroshima, 06 de agosto de 1945, 8h15.

Fonte: Força Aérea EUA.

No entanto, ela é uma imagem, mas de conteúdo quase imaterial. Como traduzir tanta devastação, surpresa tétrica e dor em uma coluna de fumaça que carece, sobretudo, de uma escala para notificar sua monumentalidade?

Não podemos quantificar pela imagem o número de pessoas mortas ou feridas, ou a devastação territorial provocada pela explosão. Apenas sabemos que ela existiu, sem atribuímos maiores detalhes ao fato. A contribuição de outros fotógrafos, como a de Yosuke Yamahata (fig. 2), foi de grande importância. Foi ele que completou, em solo, o único registro fotográfico da pós-bomba em Hiroshima e Nagasaki. O jornal *The New York Times* chamou as fotografias de Yamahata (fig. 3), “um pouco das imagens mais poderosas já feitas”.



Figura 2 - Yosuke Yamahata, sem fonte



Figura 3 – Perto do hipocentro, 10 de agosto de 1945, 12h. Foto: Yosuke Yamahata

A mídia nos tempos atuais não se utiliza destas imagens para lembrar as bombas atômicas, somente utiliza a foto aérea registrada pelos aviões americanos. Mas por qual motivo? O atributo simbólico está ali, mas ele é muito maior do que se imagina. A questão política de nos fazer não ver os norte-americanos como vilões e sempre como mocinhos faz parte deste esforço. Quem executou extermínios em massa? A primeira lembrança que nos vem à mente são os nazistas, sempre. Ninguém fala dos civis mortos pelas bombas atômicas no Japão, ou mais recentemente, nos milhares mortos no Iraque e Afeganistão (fig. 4).



Figura 4: Adolescentes mortos no conflito em Faluja, novembro de 2004.

Fonte: <<http://www.primeiralinha.org/destaques5/faluja.htm>>,

(acesso em 18 jun. 2011).

A centralização do poder tem sempre este viés, mas cabe a cada um se questionar os quantos são enganados e negligenciados em termos de informação.

A fotografia nos traz a memória de acontecimentos e não nos deixa esquecer que o mundo não para, mas trafega pelo tempo, e que ela é um instrumento para registrarmos e difundirmos estes períodos da história.

Referências:

SÉREN, Maria do Carmo. *Metáforas do Sentir Fotográfico*. Porto: Centro Português de Fotografia/Ministério da cultura, 2002.

DIDI-HUBERMAN, George. *La invención de la histeria. Charcot Y La Iconografía Fotografica de La Salpetriere*. Madri: Catedra, 2007.

DIDI-HUBERMAN, George. *Imágenes Pese a Todo. Memoria Visual Del holocausto*. Barcelona: Paidós Ibérica, 2004.

FATORELLI, Antonio. *Fotografia e viagem*. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 2003.